

JORNAL RECORTES LTDA
SUCURSAL DE BRASÍLIA

24/12/89

Livros: Beleza, mistérios e intimidades de Jacqueline, nem Kennedy nem Onassis. Página 6

Natal: E se José e Maria vivessem em Brasília 1989 anos depois. Página 10

Jornal de Brasília
Brasília, Distrito Federal
Domingo, 24/12/89

Celebração do nascimento



Incensos, massagens, banhos de rio: o parto sem dor e com festa do Jesus que nasce nas tribos de nossas selvas, ameaçado pelo ritual da ambição dos herodes de hoje

Memélia Moreira

S em os reis magos carregando presentes, mas cercados de enlameados herodes nas proximidades de sua casa, e impecáveis herodes uniformizados e vivendo à distância, se Jesus nascesse neste final de Século XX numa aldeia yanomami, ele teria a companhia de todas as mulheres da família de sua mãe. E seu primeiro contato com o mundo seria ainda mais pobre do que a manjedoura onde nasceu Jesus. Os índios, tradicionalmente, nascem na mata, ou à beira do rio, nunca dentro da maloca.

O ritual da natalidade entre os yanomami não é isolado. A mãe procura a mata mais próxima de sua maloca, em geral uma roça abandonada e, ao lado de suas irmãs, tias, mãe, e até avó, se ainda estiver viva, ela se prepara para o momento da maternidade. Mas, todo esse ritual envolvendo a família só acontece se a mãe é marinha de primeira viagem. A partir do segundo filho, a mulher já tem conhecimento suficiente para ir, sozinha, procurar a mata e, de cócoras, ter seu filho.

A presença da família no primeiro parto de uma jovem mãe tem apenas um objetivo: reconfortar a mulher. E durante todo o processo de contrações, as mulheres contam histórias, narram suas experiências e a avó tem direito até de contar piadas. Tudo isso para que a mãe sinta-se relaxada para enfrentar o momento do parto que, na maioria dos casos, ocorre sem complicação.

E o que faria com um Jesus yanomami logo depois de abrir os olhos? Suas parentes mulheres buscariam água numa cuia e ele seria lavado, o umbigo cortado com taboca, e os cuidados iniciais incluem também massagens da cabeça. Por questões estéticas. Os yanomami não gostam de cabeças pontudas e os bebês são submetidos a massagens que vão lhe moldar a cabeça, e torná-lo mais elegante para os padrões de beleza yanomami.

Solidariedade

Lavado, massageado, e sem o cordão umbilical, a criança yanomami retorna para a maloca de seus pais, e fica deitado na rede com a mãe. A partir desse momento, todos os gestos de seus pais observam uma estreita solidariedade biológica com o recém-nascido. E é assim que tanto o pai quanto a mãe só se alimentam de comidas leves, não comem pimenta, e o pai, na caça, não faz movimentos bruscos. Tudo em nome da boa formação física e psicológica da criança. O Jesus yanomami não receberia nenhum nome. Apenas um apelido, até a idade de um ano. O nome, para os yanomami é uma escolha tão sagrada que eles consideram um insulto quando, já adultos, alguém lhes chama pelo verdadeiro nome. E, até os três anos de idade, são carregados pela mãe. A partir daí, já se incluem nas turmas infantis.

O Jesus índio yanomami não seria obrigado a se afastar de seus pais nem na fase da aprendizagem da vida. Todas as atividades específicas são ensinadas na prática, sem obrigatoriedade. Os meninos, com os pais, aprendem a caça, a fabricação das armas. As meninas, com as mães, assistem à preparação dos alimentos, o artesanato. Para a surpresa dos brancos que frequentam uma aldeia, as crianças não choram. A harmonia é tão completa que já converteu um empedernido solteirão europeu. O antropólogo Bruce Albert, que durante muito anos viveu com os yanomami, sempre resistia à idéia de ter filhos. Depois de muita convivência, rendeu-se e hoje explica a razão de ter tido filho: "Eles me deram vontade de ter crianças. A educação euro-



Memélia Moreira

péia é rígida, repressiva, não via nenhuma alegria em ter filhos. Com eles vi que era possível outro tipo de comportamento. E, nisso, a cultura brasileira é mais rica. Herdou dos índios a generosidade no trato com as crianças. Aqui, elas são bem mais felizes do que na Europa. Têm mais direitos".

Nem todos os índios, entretanto, nascem em rituais semelhantes. Há nações que transformam esse momento numa hora de total requinte. Os tukano, do Alto Rio Negro, são um exemplo. Do parto de uma criança tukano participa o xamã. Ele é responsável pela saúde daquele que vai chegar, e o xamã prepara uma infusão de resina de árvore e tabaco para descontaminar o ambiente onde a criança vai, pela primeira vez, abrir os olhos. A mãe, quando começa a sentir os primeiros sinais, vai para a roça, por ser considerado um lugar sagrado. Lá, ela, de cócoras, sozinha, tem seu filho. E volta para casa.

O Jesus tukano não nasce dentro da maloca porque ali é um lugar já carregado pelos vícios e problemas dos adultos. E, no colo de sua mãe, já depois de lavado, o bebê entra em casa por uma porta lateral. Por três dias, ao lado de sua mãe e seu pai, a nova criança fica isolada, enquanto o xamã descontamina também todos os alimentos que serão ingeridos pelos pais. É também no terceiro dia que a criança toma seu primeiro banho.

O caminho para o rio é incensado pelo xamã. Tudo deve estar absolutamente defumado, limpo para que a criança cresça saudável. Até o rio é incensado. As cinzas depois são jogadas dentro da água, e a mãe pode tomar banho sem problema. A partir desse banho, a alimentação dos pais retoma a normalidade, progressivamente. Primeiro, peixe pequeno, de-

pois, caça leve, em seguida, os peixes grandes, e só então, a caça pesada. As frutas açucaradas são proibidas. Todo esse ritual demora de três a quatro meses e, durante esse tempo, o pai não pode trabalhar com a fibra do tucum para não prejudicar o cordão umbilical de seu filho. Quando essa criança começa a dar seus sinais de que já percebe o mundo externo, ele recebe então um nome fixo, dado pelo xamã. O nome também é conservado por tabus, e a criança, até deixar o calor do colo de sua mãe, até crescer, será cercada de todos os cuidados para que, mais tarde, seu desenvolvimento psicológico não seja afetado. Para não ser atingido pela "carência afetiva", tão comum às nossas crianças.

Os herodes

Mas todo esse ritual de natalidade só é possível quando os índios estão vivendo sem problemas. Se o

grandioso Império Romano determinou o assassinato de todas as crianças que nascessem nas terras onde o mastro da água imperialista era cravado, porque temiam o nascimento de um menino que não se submeteria à vassalagem, no Brasil, sem qualquer profecia, se Jesus fosse yanomami, ele correria o risco de ser abortado.

Temerosas e revoltadas com os herodes que invadem suas terras e matam as crianças com a fome e as doenças, as mulheres yanomami já admitem a possibilidade de não mais ter filhos. A "chaurara" assusta as jovens mulheres em idade de reprodução. "Por que ter filhos, se eles vão ter 'chaurara' (doença) de brancos?" Indaga uma mulher da aldeia de Paapiu. Os yanomami podem repetir a tragédia vivida há 20 anos pelos aviões. Essa nação, que mora no Pará, quando sentiu o perigo do genocídio, optou por não deixar as crianças nascerem. E as mulheres, durante mais de quatro anos, abortavam seus filhos, reduzindo drasticamente o número de habitantes da aldeia.

Os yanomami não conhecem a Bíblia. Mais de 98% da população jamais ouviram falar de um homem chamado Jesus. Sequer desconfiam que a Humanidade produziu um tipo chamado Herodes, ou outro, chamado Hitler. E, no entanto, eles vivem

hoje o medo da morte de suas crianças. E elas morrem a cada semana. E quem seriam os herodes desse povo que não vive não sob o mastro da água? Os mais fracos vivem ali mesmo, ao lado das aldeias. São os garimpeiros que levam doenças e sujam as águas onde as mães não mais podem mergulhar as cuias que lavam os recém-nascidos. Os herodes poderosos estão distantes, em impecáveis uniformes ou ternos de "griffe". Chegam a afirmar que os yanomami aceitam a presença dos garimpeiros. Declaram, como se fosse a verdade absoluta que são grupos de brancos que querem a expulsão desses homens que invadem a terra dos índios.

Os herodes não precisam nem mandar degolar as crianças. Eles, burocraticamente, adiam programas de saúde — em si mesmo paliativos — que possam conter a mortandade que atinge esse povo. Os herodes, entretanto, vão na noite de hoje, encher as catedrais e capelas do País para rezar por um homem que era discriminado pelo dominador que invadiu sua terra e correu o risco de ser assassinado, se não fosse um casal pobre, montado num jumento fugindo para o eterno exílio dos que sempre são deserdados, salvando assim a vida de um menino que há quase dois mil anos tem seu aniversário comemorado no dia 25 de dezembro e que apenas subia em montanhas para condenar as ambições dos invasores e pregar a solidariedade.



Todo dia a gente pode celebrar o "Natal" ao renascer para uma vida nova e ser feliz consigo, meio ambiente, gratos aos leitores do Caderno 2
A equipe